



**PRECARIEDADE, OUTRIDADE E MEMÓRIA:
OUTRA PERSPECTIVA DE ANÁLISE EM ANTES DO PASSADO,
O SILÊNCIO QUE VEM DO ARAGUAIA**
*PRECARIITY, OTHERNESS AND MEMORY:
ANOTHER PERSPECTIVE OF ANALYSIS IN BEFORE THE PAST,
THE SILENCE THAT COMES FROM ARAGUAIA*

Deurilene Sousa SILVA¹  

RESUMO: Este artigo tem por objetivo analisar a relação entre precariedade, outridade e memória, na narrativa *Antes do passado, o silêncio que vem do Araguaia* (2012), de Liniane Haag Brum. Para embasamento teórico-metodológico acerca da memória, utilizamos as discussões de Halbwachs (1990); Butler (2019), como referencial de análise sobre vida precária; Benjamin (1987), sobre experiência e pobreza, e ainda Lévinas (1988), sobre o estatuto do Outro. Nesta reflexão apontamos como a precariedade do silenciamento interfere na rememoração da narradora, e igualmente dificulta a constituição da outridade do tio desaparecido.

Palavras-chave: Precariedade. Guerrilha do Araguaia. Memória. Outridade.

ABSTRACT: *This article aims to analyze the relationship between precariousness, otherness and memory, in the narrative *Antes do Past, o silencio que vem do Araguaia* (2012), by Liniane Haag Brum. For theoretical-methodological basis on memory, we used the discussions by Halbwachs (1990); Butler (2019), as a reference for analyzing precarious life; Benjamin (1987), on experience and poverty, and also Lévinas (1988), on the status of the Other. In this reflection we point out how the precariousness of silencing interferes with the narrator's remembrance, and equally makes it difficult to establish the otherness of the missing uncle.*

Keywords: *Precariousness. Araguaia Guerrilla. Memory. Otherness.*

Eu era criança quando comecei a absorver essa história

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL-UFFPA). Bolsista PROEX/CAPES. E-mail: deurilenesousa@gmail.com.

Cresci ouvindo que meu tio e padrinho, Cilon Cunha Brum, foi visto pela última vez no dia em que me batizou, no ano de 1971, em Porto Alegre. Depois, desapareceu sem deixar vestígios. Diziam que sumira numa tal de Guerrilha do Araguaia. Eu era criança quando comecei a absorver essa história, sussurrada e captada em meio a um clima de medo e insegurança (Brum, 2012, p. 11).

Assim inicia a apresentação do livro de Liniane Haag Brum, *Antes do Passado*, o silêncio que vem do Araguaia. Uma narrativa de buscas repleta de memórias esgarçadas pelo tempo, histórias de família e em família, encontros com a realidade, desencontros com a verdade, ansiedade no caminho, medo do desconhecido, e por fim, autobiográfica.

Na breve introdução do livro, Liniane descreve:

Foram necessários 32 anos para que eu decidisse enfrentar o estigma do medo e do segredo: forças paralisantes, tão abstratas quanto profundas, cujas raízes só a maturidade e a cristalização (parcial) da recente história do Brasil me permitiram compreender (*Ibidem*).

O enredo de *Antes do passado* é tecido nas trilhas da memória da própria narradora/autora que cresceu sob a sombra do interdito e do não dito sobre o desaparecimento de seu tio/padrinho, Cilon Cunha Brum. Cilon era militante do PC do B (Partido Comunista do Brasil), ativista político, combatente na Guerrilha do Araguaia contra o governo civil-militar ditatorial instaurado no Brasil nos anos de 1960. Em toda a narrativa, a narradora/autora evidencia sua trajetória na tentativa de encontrar vestígios da existência de Cilon Brum.

As memórias do tio que marcaram a infância de Liniane foram construídas através de fotos, álbuns de família, das histórias que os mais velhos – familiares ou os que o conheceram – contaram sobre ele, e ainda pelos bilhetes escritos por Cilon. Temos assim, um entrecruzamento de memórias, a memória individual da narradora Liniane, a memória daqueles que estiveram diretamente ou indiretamente envolvidos na luta armada, e ainda, a memória histórica da política de extermínio no conflito do Araguaia. Essas memórias imbricadas entre si resultam na memória autobiográfica de Liniane, e que lhe permite descrever afetivamente o seu tio/padrinho: “Tio Cilon me acompanhou sempre. Era alto, magro, cabelo preto e liso, repartido ao lado. Tão bonito. Meu padrinho era lindo. Pena que quando eu nasci, ele desapareceu” (Brum, 2012, p.19).

O estudo acerca da memória coletiva, segundo Halbwachs (1990), é que “parece ter uma tal faculdade [que] não possa existir e durar a não ser na medida em que está ligada a um corpo ou a um cérebro individual” (Brum, 2012, p. 55). Essa postulação é advinda de sua percepção sobre os poucos estudos sobre “a memória de um grupo”, mas admite que somente podemos chegar a outros tipos de memórias, como as que discuto neste trabalho – memória histórica e memória

autobiográfica – através da participação do indivíduo entre duas espécies de memórias, a memória individual e a memória social. Entretanto, o teórico deixa claro que o indivíduo à medida que participa de uma ou outra memória, “adotaria duas atitudes muito diferentes e mesmo contrárias”.

A memória autobiográfica de Liniane parte de sua própria memória individual construída em seu meio familiar, com registro de lembranças que lhes são comuns “Desde que consigo lembrar de minha própria vida, tenho memórias do meu padrinho. Sua figura ao mesmo tempo diáfana e constante habitou os meus espaços da infância, da adolescência e juventude vividas no Rio Grande do Sul” (Brum, 2012, p. 11), mas se constitui apoiada na memória de outros indivíduos. Embora se misture momentaneamente com outras memórias para que em conjunto possa evocar certas lembranças, isto não significa que tanto sua memória individual interligada a uma outra memória não siga seus próprios caminhos.

Da mesma forma que estamos apresentando Antes do passado, o silêncio que vem do Araguaia como uma narrativa de memória autobiográfica, também apontamos nela registros de memória histórica. Isto se justifica no fato de Liniane rememorar as vivências de seu tio/padrinho, não somente no contexto familiar. Ao contrário, a maior problemática em torno do desaparecimento de Cilon Cunha Brum, incide na relação do militante do PC do B com o movimento de resistência ao governo civil-militar, saído dos centros urbanos e que se estendera para a floresta amazônica, e na região amazônica ficou conhecido como Guerrilha do Araguaia (1972-1975).

Ao peso do extermínio dos guerrilheiros do Araguaia, sobrou a ocultação de cadáveres e a remoção de restos mortais de um lugar para outro que dificulta o trabalho de localização e identificação dos desaparecidos. Nesse massacre ocorrido em meio à selva, o aniquilamento de opositores políticos se constitui na prática de apagamento da existência do indivíduo e pela impossibilidade da elaboração da morte e seus rituais fúnebres. As famílias que não receberam os restos de seus familiares ainda hoje vivem o “luto em aberto”.

“Comprido”², é um desaparecido, aniquilado, sem vestígios de onde possam ser encontrados seus restos mortais. Sua história, assim como as memórias de sua história, entrecruza-se com as histórias e memórias de outros jovens que como ele, foram mortos em luta por um ideário nacional. Para que Liniane pudesse rememorar as lembranças de seu tio/padrinho Cilon, ela “toma por empréstimo” lembranças de um conjunto de pessoas que fizeram parte de um processo histórico muito maior. Impossível seria em sua autobiografia narrar cada passo dado, cada pessoa encontrada no Araguaia que tivera tido contato com Cilon, ou que ouvira falar dele, sem mencionar outras

² Simão ou Comprido são os codinomes de Cilon Cunha Brum dentro do movimento de resistência.

lembranças, lembranças de guerra, de traumas, tristezas e medos que ainda emergem ao tocar nessa “memória subterrânea” do nosso passado.

Este artigo, portanto, objetiva uma análise sobre a relação entre precariedade, outridade e memória, na narrativa *Antes do passado*, o silêncio que vem do Araguaia (2012), de Liniane Haag Brum. Nosso embasamento teórico-metodológico acerca da memória é constituída das discussões de Halbwachs (1990); Butler (2019), como referencial sobre vida precária; Benjamin (1987), sobre experiência e pobreza, e ainda Lévinas (1988), sobre o estatuto do Outro. Apontamos como a precariedade do silenciamento interfere na rememoração da narradora, e com isto, a difícil constituição da outridade do tio desaparecido.

Desse modo, na segunda e na terceira seções desta análise, discorreremos sobre como o silêncio constitui a precária outridade de uma voz que narra o que não pode ser narrado.

A precariedade que surge do silêncio

Uma das emblemáticas questões em torno do ideal de Cilon Cunha Brum ao atender ao chamado de seu partido político para embrenhar-se nas matas do Araguaia, incide no utópico sonho de ter uma nação justa, capaz de atender as necessidades de seu povo. Em *Antes do passado*, o silêncio que vem do Araguaia, Liniane descreve através de uma das cartas enviada para a sua avó Lóia (Eloah Cunha Brum), mãe de Cilon, no dia 03 de janeiro de 2008, sobre a consciente decisão de Cilon de sair de São Paulo e fazer parte de um grupo de pouco mais de oitenta pessoas para fazer a tão sonhada revolução camponesa e que derrubaria o governo autoritário. Na carta ela descreve conscienciosa: “Tio Cilon não agiu sem pensar. Ele planejou e acreditou no que estava fazendo. A senhora sempre disse que seu filho tinha personalidade muito forte para ser levado. Não foi levado. Escolheu” (Brum, 2012, p. 107).

A escolha de viver nos anos 1970 na região Norte do Brasil implica salientar um recanto do Brasil completamente esquecido e desgarrado do restante do país, onde as condições de vida do povo “era miserável”, “um lugar longínquo e de pouca densidade demográfica” e sem assistência do Estado brasileiro. Assim, nos faz pensar na precariedade da vida dessa população abandonada, no âmbito social, cuja escassez material de alguma forma foi aliviada com a ajuda dos jovens “paulistas”. Ao adentrarem as comunidades do Araguaia, lá assistiram as populações com ensino, atendimento médico, e Cilon “trabalhava com poços artesianos. Sua atividade era fazer chegar até as pessoas a água que fluía naturalmente do solo” (Brum, 2012, p. 95).

A precariedade ou escassez material muito retratada nas narrativas nacionais perpassam pela explicitação da falta de condições do pobre brasileiro. Em *O Cortiço*, Aluísio de Azevedo nos apresenta a formação de uma vida suburbana, aglomerada, repleta de limitações de um contingente populacional que só tem no cortiço o teto, alugado ou não, para se abrigar. Se pensarmos na dureza da vida descrita em *Vidas Secas* de Graciliano Ramos, a mesma tônica da vida no sertão em que, pela ausência de água, tudo na vida do sertanejo tende a ser mais sofrido e por consequência, na falta d'água, faltará o alimento, o alento, a esperança. A descrição do pobre na literatura brasileira, vem imbuída da completa desassistência do Estado que não alcança as populações faveladas, as populações em palafitas, ou as dos subúrbios dos grandes centros.

Desse modo, a pobreza aqui discutida parte da ausência do emprego, da falta do alimento e demais ausências materiais, já mencionadas. Trata ainda dos infortúnios de uma vida miserável à margem da opulência e ostentação que o capitalismo promove e que por consequência é também responsável pela exclusão. Bem ilustram essa perspectiva, a pobreza retratada em *Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus, ou mesmo *Ponciá Vicêncio*, de Conceição Evaristo.

Todavia, proponho outra perspectiva de leitura sobre a pobreza a partir das reflexões de Walter Benjamin (1987), que analisa a falta de experiência do indivíduo diante da vida. No texto *Experiência e pobreza*, o filósofo alemão estabelece um marco temporal em que o fenômeno da inexperiência se apresenta nos indivíduos com grande evidência levando em consideração a geração que vivenciou os horrores da Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Em um primeiro momento essa percepção pode causar-nos estranhamento sobre a aquisição ou não de experiências, mas levando em consideração o fato de que o conhecimento adquirido e aprendido pelos indivíduos advinha também da transmissão de lições de aprendizados e vivências dos mais velhos aos mais jovens, compreendemos a análise benjaminiana de que “as ações das experiências” mostraram-se em menor proporção depois da guerra. Vejamos:

Em nossos livros de leitura havia a parábola de um velho que no momento da morte revela a seus filhos a existência de um tesouro enterrado em seus vinhedos. Os filhos cavam, mas não descobrem qualquer vestígio do tesouro. Com a chegada do outono, as vinhas produzem mais que qualquer outra na região. Só então compreenderam que o pai lhes havia transmitido uma certa experiência: a felicidade não está no ouro, mas no trabalho. Tais experiências nos foram transmitidas, de modo benevolente ou ameaçador, à medida que crescíamos: "Ele é muito jovem, em breve poderá compreender". Ou: "Um dia ainda compreenderá". Sabia-se exatamente o significado da experiência: ela sempre fora comunicada aos jovens. De forma concisa, com a autoridade da velhice, em provérbios; de forma prolixa, com a sua loquacidade, em histórias; muitas vezes como narrativas de países longínquos, diante da lareira, contadas a pais e netos. Que foi feito de tudo isso? Quem encontra ainda pessoas que saibam contar histórias como elas devem

ser contadas? Que moribundos dizem hoje palavras tão duráveis que possam ser transmitidas como um anel, de geração em geração? Quem é ajudado, hoje, por um provérbio oportuno? Quem tentará, sequer, lidar com a juventude invocando sua experiência? (Benjamin, 1987, p. 114).

Essa elucubração de Benjamin ao apresentar uma ruptura na transmissão de experiências entre indivíduos combatentes da Primeira Guerra Mundial mostrou-se evidente, principalmente pelo fato de esses ex-combatentes ao retornarem da guerra terem

Voltado mais silenciosos do campo de batalha. Mais pobres em experiências comunicáveis, e não mais ricos. Os livros de guerra que inundaram o mercado literário nos dez anos seguintes não continham experiências transmissíveis de boca em boca (*idem*, p. 111).

Temos, portanto, delineado a experiência do homem diante de um novo cenário cujas experiências de guerra modificaria a constituição do aprendizado humano. Cito ainda:

Não, o fenômeno não é estranho. Porque nunca houve experiências mais radicalmente desmoralizadas que a experiência estratégica pela guerra de trincheiras, a experiência econômica pela inflação, a experiência do corpo pela fome, a experiência moral pelos governantes. Uma geração que ainda fora à escola num bonde puxado por cavalos viu-se abandonada, sem teto, numa paisagem diferente em tudo, exceto nas nuvens, e em cujo centro, num campo de forças de correntes e explosões destruidoras, estava o frágil e minúsculo corpo humano. (Benjamin, 1987, p. 115).

A mudez diante do horror da guerra sobrepôs-se ao homem tirando dele a possibilidade de transmitir qualquer ensinamento, já que o próprio homem pela técnica foi capaz de produzir tanto sofrimento e experimentar as lições “mais desmoralizantes” que a guerra possa trazer. Benjamin registra o surgimento de uma nova forma de miséria humana, o silenciamento que precariza o falar e que impede o indivíduo de seguir adiante. Neste sentido, em Antes do passado, o silêncio que vem do Araguaia podemos identificar essa pobreza constituída pelo silêncio e pelo medo dos que passaram pela guerrilha, e ainda a completa mudez diante do desaparecimento e aniquilamento de resistentes políticos presos e torturados durante as três campanhas empreendidas pelo exército brasileiro, para acabar com a Guerrilha do Araguaia.

O silenciamento diante do medo e da retaliação configura o roubo da liberdade de expressão, ao mesmo tempo que a tortura impingida a outro homem invalida a constituição da humanidade. Walter Benjamin (1987) afirmou que uma nova espécie de “barbárie” se constituiu com o aprimoramento da técnica e seu uso na guerra quando o homem foi capaz de destruir “o frágil e pequeno corpo humano”. Igualmente a barbárie produzida na Guerrilha do Araguaia implicou em mutilações e fraturas existenciais explicitadas nas falas silenciadas de quem sobreviveu às torturas no meio da selva amazônica.

Em “O silêncio é a plenitude das palavras”³, Liniane aponta indício sobre uma das maiores dificuldades enfrentadas ao vasculhar um passado marcado por reservas nas informações obtidas sobre seu tio Cilon junto às pessoas com as quais tivera contato. Desde a infância havia percebido que uma atmosfera de não ditos pairava nos rostos familiares e que não permitia compreender a ausência desse tio. Em meio familiar, notícias, informações ou qualquer assunto relacionado a esse desaparecimento aconteciam sob sussurros, e desta forma, instaurou-se o ruído na comunicação entre os membros da família. A fratura no diálogo sobre o paradeiro de Cilon atravessa toda a narrativa, cuja linguagem entremeada de reticências pontua a precariedade nas “falas” que se completam no silenciamento. A narradora/escritora afirma que

Muitos anos se passaram sem que ficasse claro o que acontecia com o tio. Sem que fosse possível sequer mencionar seu nome. Mas sua presença permaneceu constante. Pairava no ar, estava sempre entre nós. O tempo todo. Ao ir para São Sepé visitar meus avós, às vezes sentia que ele estava ali, mas não falava nada – nem eu, nem ninguém. Era como proibido dizer seu nome. “Teu padrinho fez coisa errada”, ouvi uma vez de um primo querido. Ficava me perguntando o que ele teria feito de tão errado assim para sumir. Meus pais não explicavam, não tinham respostas – e, no entanto, o ar continuava impregnado da presença dele (Brum, 2012, p. 22).

Ela evidencia que o emudecimento era uma espécie de código de preservação contra o sofrimento causado pela ausência do tio. O mesmo fenômeno acontece por ocasião de sua viagem ao Araguaia ao entrar em contato com moradores da região onde aconteceu a Guerrilha. A diferença dos silenciamentos experimentados pela narradora está em campos opostos de ocorrência, ao mesmo tempo, em campos similares em relação ao medo e ao trauma da violência gerada pelo conflito político no Araguaia. Estes são similares pela percepção dimensional que a violência praticada contra homens e mulheres, a maioria jovens, causou em suas famílias, e que falar sobre o que o estado brasileiro fez através de seu exército, promove silêncio. Enquanto aqueles medos de campos opostos dizem respeito do receio de falar sobre um ente considerado subversivo, e do outro, a omissão de falar sobre o que viu, o que ouviu ou o que fez contra esses supostos subversivos, muitos sem paradeiro, em meio à guerra na selva.

Temos explicitado o paradoxo dos silêncios que dificulta a construção da imagem viva de Cilon Cunha Brum. Uma imagética que busca capturar a possibilidade do real da vida desse ser desaparecido. Assim descrevemos pela clara intenção de Liniane em encontrar o tio, não os restos mortais, ao contrário, a pessoa Cilon através dos rastros de sua existência. Embora estejamos analisando uma narrativa de testemunho, sendo Liniane uma testemunha de terceira geração ou

³ Texto de Alceu Amoroso Lima, usado como epígrafe da primeira parte da narrativa, p. 14.

testemunha arbiter⁴, voltamos o olhar para o interesse da narradora em capturar gestos, falas, sorrisos, preocupações, maneira de se vestir, manias ou qualquer outra forma de materialização do existir de seu tio Cilon. Há, portanto, a construção de uma identidade do tio desaparecido a partir das descrições feitas pelas pessoas as quais transmitem um testemunho mediado pelas palavras fraturadas, ou seja, pelo cerceamento ou escassez dessas falas.

Ao relatar a ansiedade para encontrar tais rastros, a narradora descreve sua ida à região do Araguaia mapeando os lugares por onde Cilon supostamente havia passado tentando associar seu percurso ao do tio, e pontua:

Tentei atenuar a ansiedade, o medo de algo que não sabia muito bem classificar. O jeito foi distrair o pensamento: ao imaginar a viagem ao Araguaia, por tantos anos, pensava num tipo de aventura. Chegara a cogitar ir até Palmas – a menor distância de avião desde São Paulo. De lá alcançaria por terra a Ilha do Bananal e subiria de barco até Xambioá, parando nas cidades ribeirinhas, conhecendo a região desde o Araguaia – o rio que nasce no Mato Grosso, na divisa com Goiás, une-se ao Tocantins no extremo norte do estado e faz a fronteira de Tocantins e Mato Grosso, Tocantins e Pará, Goiás e Mato Grosso. Desce – subindo no mapa – 2.600 quilômetros. Faria, quem sabe, o mesmo caminho de meu padrinho. Será que tio Cilon teria rodado pela estrada em construção, a Transamazônica, que eu iria percorrer dali a uma hora?

[...]

Imaginei o corpo magro e comprido, inquieto, sempre a virar para os lados. O semblante preocupado cuidando as portas, as pessoas. O olhar no chão. O rosto fino emoldurando os olhos inquietos. (Brum, 2012, pp. 151-152).

Temos a explícita e complexa tarefa de Liniane de remontar a voz preocupada de Cilon com a perseguição, com o entorno, com as pessoas, através da atmosfera tensa e insegura que a memória da Guerrilha do Araguaia é capaz de incidir na expressão de quem de fato sabe o que foi a guerrilha. A precariedade aqui, traspassada pela motivação urgente da narradora para encontrar a concretização de vestígios da humanidade de Cilon, esbarra nas palavras, expressões ou frases ditas supostamente sem convicção ou esvanecidas de certezas quando se trata desse assunto, bem como a menção ao nome de algum dos participantes do movimento de resistência. A montagem do quebra-cabeça que compõe a precária alteridade de Cilon, no avanço da narrativa, ganha contornos nas entrelinhas tanto do imaginário que caracteriza o Alter ego do tio procurado, como também naquilo que não pode ser dito nas exatas palavras que possam marcar essa existência, porém sugeridas na impossibilidade de verbalização.

⁴ Sarmiento-Pantoja (2019) - classifica como Testemunha Arbiter a testemunha de terceira geração, caracterizada como aquela que relata o testemunho de uma catástrofe, a partir das memórias contadas por outras pessoas.

Liniane adentra na vaguidão das palavras, “sim, as palavras entraram para o interior das gargantas”⁵, e percebe mais uma vez a força do silenciamento quando estivera no Araguaia. Sua ida cheia de expectativas, tinha um roteiro das “estratégias de trabalho” para os dias em que permanecesse na região.

Revisei mentalmente as perguntas: Você conheceu Cilon Cunha Brum – o Comprido, o Simão? Sim, conheci, a pessoa diria. Como foi o contato de vocês? Haveria todo tipo de relato, alguns com muitos detalhes, outros nem tanto. E qual foi a última vez que o viu, como é sua última lembrança de tio Cilon? Cada um que falasse daria pistas e me colocaria mais perto dele. Do que sentia, do que fizera quando estava na selva.

Forjei inúmeros quebra-cabeças imaginários. Depoimentos que se encadeavam, falas que se complementavam (Brum, 2012, p. 154).

Contudo, somente após atravessar as águas do Araguaia, Liniane poderia mensurar se a projeção elegida para a captura de informações funcionaria e se faria o homem procurado emergir das memórias dos moradores da região. Sua acolhida em Xambioá ficou a cargo de Paulo e sua mãe Geneci, família que nutria “enorme carinho e orgulho dos estudantes que lá estiveram há tantos anos”. No primeiro ponto visitado, “a pista de pouso”, não havia rastros de uma base militar ou algo que indicasse haver estado o exército, muito menos o indicativo de um local de torturas e mortes, salvo quando ouve: “ali ao lado daquelas árvores eles acharam corpos”. Atenta ao que era dito sobre a época e os acontecimentos, Liniane revela seu primeiro momento absorta naquele espaço e afirma “Querida permanecer observando a paisagem e auscultando a terra. Sugando o ar da pista e o murmúrio do rio Araguaia. Como se, de repente, eles fossem me falar. Dizer coisas sobre meu tio. ‘Vamos embora?’, ouvi uma voz, longe” (Brum, 2012, p. 160).

Na expressão “dizer coisas sobre meu tio”, indica que a jornada estava no seu início, afinal atravessar o rio implicava, mesmo de forma imaginada, partilhar das mesmas impressões que seu tio Cilon tivera ao percorrer a trilha caudalosa e imponente do Araguaia, características dos grandes rios do norte do país. No barco singrando as águas marrons, Liniane foi conduzida por “Seu Antonio Borba, um dos barqueiros mais antigos daquele pedaço do Bico do Papagaio⁶, [...] e pelos irmãos Paulo e Rodolfo” (Brum, 2012, p. 161). Na descrição desse percurso sob as águas até a cidade de Santa Cruz do Pará, a percepção sobre a dimensão da floresta ganha expressiva admiração, e então comenta

Serra, mata fechada e água – a grandiosidade da natureza, visto de perto, era assustadora: me encolhi dentro do barco, o pescoço curvado, a cabeça enfiada no

⁵ Texto de Carlos Nevar usado como epígrafe da segunda parte da narrativa, p. 148.

⁶ Bico do Papagaio – confluência dos estados do Pará, Maranhão e Tocantins (antes, Goiás). Região base da Guerrilha do Araguaia.

salva-vidas, a tensão reforçada pelos ruídos do motor, o barulho do vento batendo no corpo (Brum, 2012, p. 162).

Vemos a impossibilidade da narradora de passar incólume ou mesmo indiferente por aquela experiência. Então, ela recobra os sentidos sobre o objetivo de sua aventura. Mesmo batendo o desânimo pelo medo, pelo cansaço e pelo calor oriundos da longa travessia, Liniane outra vez se deixa levar pelo pensamento no tio tentando reconstruir como teria sido a vida dele em meio ao estado de guerra na floresta, e descreve: “aí imaginava tio Cilon andando perdido no escuro da selva, atravessando veredas e várzeas, usando o rio como trincheira” (Brum, 2012, p. 162). A ela, coube o uso dedutivo de uma fala que não foi dita por Cilon, contudo se constitui na possibilidade de denúncia da perseguição sofrida pelo ex-guerrilheiro, ao mesmo tempo que evidencia a precária elaboração dessa outridade.

A constituição precária de um rosto: silêncio-palavras

“Escrever é o modo de quem tem a palavra como isca, a palavra pescando o que não é palavra”⁷. Essa foi a alternativa encontrada por Liniane para dar voz a Cilon Cunha Brum, já que percebera que mesmo estando no Araguaia, não conseguiria tão facilmente as calculadas respostas que receberia de seus entrevistados. Ela rompe a precariedade do silêncio e do vazio de informações, e perpassa por aquilo que Judith Butler descreve como “um modo de resposta por algo ter sido endereçado a mim, me acusou de ter falhado ou me pediu para assumir uma responsabilidade” (2019, p. 115). É o que impele Liniane Haag Brum em Antes do passado, de ir ao encontro desse outro/Cilon.

Essa precariedade ou miséria também pode ser entendida como o enfrentamento às meias palavras, frases entrecortadas e o esquecimento que as pessoas entrevistadas por Liniane acabavam por enveredar em um ou outro desses recursos de não falar sobre o passado. A memória desse mesmo passado de sofrimentos que exila os entrevistados em si mesmos, no medo e na ausência de boas experiências como afirma Walter Benjamin.

Em “Vida precária”, Butler (2019) recorre ao pensamento de Emmanuel Lévinas para refletirmos sobre quando “perdemos a condição de sermos endereçados, a demanda que surge de outro lugar, às vezes de outro sem nome, que articula e pressiona nossas obrigações” (p.115). A morte de Cilon Cunha Brum, bem como dos demais militantes da Guerrilha do Araguaia retrata essa

⁷ Texto de Clarice Lispector usado como epígrafe da terceira parte da narrativa.

miséria humana que foi capaz de provocar tamanho sofrimento e que não teve seu ciclo encerrado nem em meio aos seus familiares, tampouco na memória histórica da nação. Contudo, pode ser aqui entendido, como o direcionamento através da narrativa de Liniane para a compreensão sobre a pobreza que constitui a memória traumática.

O pensamento filosófico de Lévinas é formulado a partir de sua própria experiência do horror. Viu em seu tempo o genocídio judeu nos campos de concentração nazistas, e de todos aqueles que foram dizimados por não se enquadrarem na ideia de raça pura alemã. Suas indagações da esfera metafísica passaram para o entendimento de uma ética pautada na preocupação com o outro, já que havia vivenciado a suspensão da complacência e a capacidade humana de aniquilar milhões de pessoas. O “estatuto do outro” estabelece uma ética humanística de preocupação e cuidado com esse outro, considerando o “rosto” o ponto de partida para uma ética da responsabilidade.

A ética da responsabilidade é a possibilidade de um novo agir humano e seu posicionamento frente a humanidade. É enfrentar-se a si mesmo diante das tomadas de decisões referentes ao outro, que também é absoluto em sua natureza. O agir responsável que nos permite encarar e ir ao encontro do oposto sem rotulações, mas com sensibilidade sentir sua dor e nos colocarmos em seu lugar. O Eu resistir à tentação de imprimir violência no outro. Desta forma, o pensamento levinasiano aponta para a “ação violenta e a tirania” que o Eu submete ao outro. Ao fato de não haver o olhar frente a frente com aquele a quem imputa-se uma ação. É a ênfase sobre a ausência desse olhar que não identifica o absoluto do outro, com sua liberdade e com sua força. O outro será sempre o outro, e por ser o outro não será idêntico ao mesmo.

É interessante porque na descrição do rosto está o homem que não é uma imagem fixa, uma aparência, “é abstrato e nu”, livre de qualquer “ornamento cultural” e nessa nudez a possibilidade de estar no mundo, de ser infinito. Isto implica na absoluta convicção levinasiana de que “o outro é o rosto” e essa rostidade, por sua abstração, é “extraordinária”.

Despojado de su forma misma, el rostro se estremece en su nudez. Él es una miseria. La nudez del rostro es indigencia y ya suplica en esa rectitud que apunta hacia mí. Pero esta súplica es una exigencia. En el rostro la humildad se une a la altura. Y aquí se anuncia la dimensión ética de la visitación (LÉVINAS, 1988, p. 61).⁸

⁸ Despojado de sua mesma forma, o rosto estremece em sua nudez. Ele é uma miséria. A nudez do rosto é indulgência e já suplica nesta honestidade que aponta até mim. Mas essa súplica é uma exigência. No rosto a humildade se une a altura. E aqui, anuncia-se a dimensão ética da visitação (Tradução nossa).

A figura do rosto torna-se presença diante do Eu. Um chamamento que não pode deixar de ser ouvido, de ser esquecido ou mesmo ignorado frente ao livre pensamento do mesmo. O rosto impõe ao Eu a responsabilidade de sua miséria. Para Lévinas, a presença do outro é antes de tudo “uma ordem irrefutável” na “visitação”, ou seja, é uma ordem “que consiste em perturbar o egoísmo do Eu”. Pelo rosto tem-se a consciência de que o eu não possa subtrair a sua responsabilidade diante do outro, da mesma forma que esse mesmo rosto “desarma a intencionalidade que o observa” (1998, p. 62).

Nessa perspectiva, pensamos o silêncio e o silenciamento como precariedade que dificulta a reconstituição da rostidade de Cilon Cunha Brum. Se o extraordinário do rosto do outro, segundo Lévinas, é a sua completude não apenas na aparência, mas na sua “nudez” ou infinitude de existir, afirmamos que o medo gera o silêncio que por sua vez é a pobreza que nega o compartilhamento de falas que satisfaçam o anseio de Liniane saber sobre a vida de Cilon no Araguaia. Por outro lado, o outro interpela o Eu numa intimidação imperativa de responder à sua presença. Por se tratar de uma obrigação, o Eu se depara não somente com a necessidade de dar respostas, sobretudo à consciência do seu dever sobre suas decisões. O Eu por sua piedade de ser “se realiza como uma turgência da responsabilidade”, e faz-se solidário de “uma maneira incomparável e única” (1998, p. 63). Neste sentido, compreendemos como Liniane responde ao “endereçamento” feito pelo tio ausente através dessa solidariedade assumida pelo Eu e que carrega em si toda a responsabilidade de que não há quem possa responder pelo mesmo. É a responsabilidade que esvazia o Eu do seu egoísmo e de seu imperialismo.

Presumo que ao esvaziar-se de seu Eu, Liniane toma para si o endereçamento de uma “reivindicação moral” que a interpela para a reconstituição da voz/rosto de Cilon, já que sendo narradora e autora da narrativa assume essa tarefa à qual não pôde se recusar. A outridade que institui seu tio e padrinho como único em sua unidade, é o rosto descrito na impossibilidade de sua própria voz. Desse modo, Liniane ao longo da narração elabora a fala de Cilon por meio de seus pensamentos:

Eu não estava inteira ali desde que Nazaré terminara seu relato. Meu pensamento dava voltas, indo e vindo sempre na mesma cena: ele vinha pela beirada de um rio. Um riacho adjacente: o Zaranza. Acabara de deixar os companheiros para trás – seguia o curso d’água, meio trôpego, combalido pelo cansaço. Vinha caminhando pela beirada das águas turvas, protegido pela tessitura do arvoredo que formava um túnel verde de uma margem à outra. Andava com dificuldade e sem parar – a sensação de frio causada pela malária aliviava o calor de novembro –, ia com a certeza de que encontraria algum ribeirão a quem pudesse se render. Troteava devagar e curvado à sua frente, a cada dois ou três metros, não eram obstáculos – serviam de escudo para papa Mike entrincheirado. Sendo estreito o rio, podia

passar de um lado a outro, conforme a necessidade. O som d'água corrente, forte e incessante começou, aos poucos, a misturar-se com o som do machado. Ele apressou o passo – sempre com o tronco abaixado –, olhava sem parar para os lados, para trás – não queria ser atingido e capturado pela milícia. Rendendo-se de própria vontade, dentro das leis de guerra, teria chance de negociar (ou salvar) a própria vida. Simão – Comprido, tio Cilon – seguiu esgueirando-se até o som do machado ficar tão nítido quanto o de sua respiração. Tirou os pés de dentro d'água – rala naquele ponto –, afundou-se na barranca do rio – dali espreitou o jovem a golpear o altíssimo tronco. Ficou nessa posição até que se criou o momento oportuno – de gritar de onde estava, com a carabina na mão, pegando no cano e estendendo o cabo para o moço: “Sou Simão, vim me entregar, o revólver tá carregado de bala” (Brum, 2012, pp. 237-238).

A outridade/rosto de Cilon é reconstituída/o na pobreza de sua voz ausente, edificada pelo pensamento da narradora através da memória social da guerrilha do Araguaia, pelos sobreviventes do conflito, pela memória afetiva de Liniane que a faz descrever os passos de Cilon como se o conhecesse a ponto de prever suas ações. Essa caracterização de rostidade é a precariedade que dá forma ao inenarrável narrado por Liniane e que traz a lume a existência “extraordinária” de seu tio.

Considerações finais

A narrativa Antes do passado, o silêncio que vem do Araguaia (2012), discorre sobre a busca de uma voz que foi interrompida pela violência do estado brasileiro. Uma demanda contra o esquecimento pautada não somente pela Liniane Haag Brum, mas por todas as famílias que foram diretamente impactadas com o terror aplicado contra militantes contrários ao governo militar instaurado no Brasil nos anos 1960, e ainda contra demais pessoas que foram de alguma forma violentadas no conflito da Guerrilha do Araguaia. Mais que isso, é a luta da memória individual e coletiva de uma porção da sociedade que insiste por respostas e justiça.

Liniane reconstitui o rosto/voz de seu tio Cilon, a partir de suas lembranças afetivas como testemunha arbiter se apropriando de fatos contados sobre seu tio e confirmados por outras memórias que se cruzam na recordação da existência dele. Tal feito, como explica Halbwachs, acontece porque há, de alguma maneira, traços de memória para que possa haver lembrança ou recordação. É, ainda, a “Outridade” à qual Lévinas se refere ao afirmar que “o rosto é o outro que me pede para não deixá-lo morrer sozinho, como se fazer isso fosse me tornar cúmplice de sua morte” (Butler, 2019, pp. 116-117). Da mesma forma em que Liniane é atraída ao impulso de encontrar Cilon através da memória de quem o conheceu, com essa busca pela existência de seu tio, ela atualiza a vida dele revisitando-o através de rastros o que o tornam vivo. Em outro momento,

trabalharemos como essa “presença” de Cilon pode ser entendida através desse suporte – o livro, já que aí permanece e não é esquecido.

Referências

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas. Vol. I.* 3ª edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

BRUM, Liniane Haag. *Antes do passado: o silêncio que vem do Araguaia.* Porto

Alegre: Arquipélago Editorial, 2012.

BUTLER, Judith. **Vida precária: os poderes do luto e da violência**. Tradução Andreas Líber. 1ª edição. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

LANDA, Fábio. E. Lévinas E N. Abraham: um encadeamento a partir da Soa. O estatuto ético do terceiro na constituição do símbolo em psicanálise. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio. **História, memória, literatura**. O testemunho na era das catástrofes. Editora Unicamp, São Paulo, 2003.

LEVINAS, Emmanuel. **La duela del outro**. México: Tacurus, 1998.

SARMENTO-PANTOJA, A. O testemunho em três vozes: testes, superstes e arbiter. **Literatura e Autoritarismo**, n. 33, 2019 – <https://periodicos.ufsm.br/LA/article/view/35461>.

Recebido em: 29/01/2024

Aprovado em: 13/03/2024

Como citar este artigo

SILVA, Deurilene Sousa. Precariedade, outridade e memória: outra perspectiva de análise em Antes do passado, o silêncio que vem do Araguaia. **Revista Narrares** – V.2, N.1, Jan-Jun, 2024, pp. 81-95.